



4447 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

OCUPAÇÕES ESTUDANTIS DAS ESCOLAS EM CAXIAS DO SUL/RS
Scarlett Giovana Borges - UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

OCUPAÇÕES ESTUDANTIS DAS ESCOLAS EM CAXIAS DO SUL/RS

RESUMO: O presente artigo é resultado da pesquisa realizada no Mestrado em Educação acerca das ocupações estudantis das escolas públicas em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, no ano de 2016. A temática é apresentada no contexto das ocupações em nível nacional e relacionada aos movimentos em rede contemporâneos, caracterizados por Castells (2013). A pesquisa tem por arcabouço teórico metodológico o materialismo histórico dialético e utiliza como base para análise das fontes o termo experiência, elaborado por Thompson (1981). O desenvolvimento do artigo se dá na reflexão do movimento estudantil de ocupações enquanto experiência que modificou os espaços e as relações escolares. Concluímos que a consciência social das e dos estudantes envolvidos no movimento foi o principal fator de transformação decorrente das ocupações. Essa modificação, foi possibilitada pela potente aprendizagem política do cotidiano das ocupações e se manifesta na crítica às desigualdades presentes nos sistemas de educação e nas relações sociais.

Palavras-chave: Ocupações estudantis. Movimento estudantil. Experiência de ocupação.

Breve Introdução

A pesquisa apresentada no presente artigo é resultado da dissertação desenvolvida no Mestrado em Educação sobre a experiência das ocupações secundaristas em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Na cidade, foram ocupadas quatro escolas da rede estadual de ensino, em maio e junho de 2016. Essas ocupações fizeram parte e foram inspiradas pelo movimento que foi iniciado em 2015 em São Paulo, protagonizado por estudantes secundaristas, e que se espalhou por diversas regiões do Brasil no ano seguinte. Na segunda metade de 2016 e início de 2017, o movimento foi incorporado pelas e pelos estudantes dos institutos técnicos e universidades. Calcula-se que durante o ano de 2016 foram ocupadas mais de 1000 escolas, institutos federais e universidades no Brasil (UBES, 2016).

O artigo está organizado em quatro seções. Primeiramente, contextualiza as ocupações estudantis à luz do debate sobre os movimentos em rede na contemporaneidade. Após, reflete acerca do materialismo histórico dialético, enquanto arcabouço teórico-metodológico da pesquisa, e discute a base da análise das fontes a partir do termo experiência, conceituado por Thompson (1981). Na seção seguinte, apresenta as fontes da pesquisa, embasadas no seu contexto de produção, e analisa a experiência de ocupação em Caxias do Sul, objetivando identificar as características do movimento que possibilitaram mudanças na consciência social das e dos estudantes, a respeito de si e da sociedade. Por fim, refletimos sobre as possíveis conclusões da pesquisa, tendo em vista as dificuldades de estabelecer diretrizes fechadas acerca do movimento estudantil de ocupações que foi pujante em aprendizagem política.

O Movimento Estudantil de Ocupações

As manifestações políticas na história recente do Brasil são caracterizadas pelo alargamento de atores e pautas, tanto no meio rural quanto urbano. Isso tornou-se evidente nas Jornadas de Junho [\[1\]](#), ocorridas em 2013, que apontaram diversos aspectos da vida nas cidades como motivação do movimento, até, nos anos seguintes, se converterem em protestos anticorrupção. Além das diversas pautas, as Jornadas de Junho apresentaram um formato organizativo de manifestações nacionalmente simultâneas, perfilando como movimento em rede. Pela abrangência de atores e pautas as implicações políticas das Jornadas de Junho segue em discussão sob pontos de vista contraditórios (CASTAÑEDA, 2017). O que podemos afirmar é que o movimento compartilhou a aprendizagem do uso das redes virtuais para se tornar viral, característica visualizada nas manifestações em nível global, como na Primavera Árabe [\[2\]](#) (CASTELLS, 2013).

O uso dos meios digitais foi essencial para propagação das ocupações estudantis, bem como, para circulação de informações internas. Desse modo, a integração dos meios virtuais no dia a dia das ocupações, por si só, configurou um elemento de resistência e questionamento da ordem escolar, pois introduziu um fluxo de comunicação multidimensional, que proporcionou a difusão de ideias que partiram dos coletivos com maior potencial de liberdade e de exercício democrático (SCANDOLARA, 2011). Além disso, a divulgação das ocupações serviu de inspiração para adesão diária de novas escolas ao movimento.

A Escola Estadual Diadema foi a primeira escola ocupada pelas e pelas estudantes secundaristas, em 09 de novembro de 2015, em São Paulo. Como forma de protesto à Reorganização da Rede Estadual de Ensino, as e os

estudantes armaram acampamento e paralisaram as aulas. A Reorganização previa o fechamento de escolas de ensino médio localizadas em diversos bairros, realocando as e os estudantes para escolas no centro de São Paulo. Após a primeira ocupação, diariamente foram registradas organizações e acampamentos estudantis em outras escolas, contabilizando 205 adesões ao movimento no mês de dezembro de 2015, em São Paulo (CATRACA, 2015). Em março de 2016, o movimento chegou ao Rio de Janeiro com a ocupação do Colégio Estadual Mendes de Moraes. Nesse estado, as e os estudantes vinham se organizando, desde fevereiro de 2016, em apoio às professoras e aos professores em greve. No Rio Grande do Sul, a primeira escola a ser ocupada foi o Colégio Estadual Coronel Emílio Massot, em Porto Alegre, no dia 11 de maio de 2016 (KRANZ, 2016). Na cidade de Caxias do Sul, foram ocupadas quatro escolas da rede estadual de ensino, no período de 18 de maio a 24 de junho de 2016.

Entendemos que no Rio Grande do Sul as ocupações não foram apenas uma continuação do movimento iniciado em São Paulo, mas o exemplo das e dos estudantes paulistas serviu de inspiração para manifestação contrária à política de precarização dos serviços públicos adotada há anos pelos governos gaúchos. Não por acaso as manifestações em Caxias do Sul se concentram na rede estadual de ensino, visto que a crise econômica se tornou um recurso recorrente para justificar a adoção de uma administração que fragiliza a oferta de políticas públicas, bem como, ocasiona precárias condições de trabalho para as e os servidores estaduais, como o atraso sistemático do pagamento dos salários.

Guardadas as peculiaridades de cada ocupação, o movimento secundarista apresenta ações coletivas com diretrizes e pautas que se aproximam, em função da criação de redes de solidariedade e troca de experiências. Assim, podemos dizer que o movimento secundarista de ocupações tem como ponto de união a problematização e tensionamento da política de educação. Nesse sentido, a análise das fontes das ocupações de Caxias do Sul aponta para questões que poderão ser identificadas em outras escolas e cidades. Desse modo, a reflexão proposta não se limita a diagnosticar um acontecimento local, mas busca compreender o movimento estudantil de ocupações como um importante acontecimento em seu contexto.

O período de ocupações foi marcado pela deflagrada disputa ideológica no âmbito político. Não por coincidência, ao mesmo tempo em que ocorreram as ocupações, iniciou a tramitação no Senado do projeto de lei nº 193, *Programa Escola Sem Partido* (BRASIL, 2016), reproduzido em diversas casas legislativas estaduais e municipais. Esse projeto pretendia restringir e fiscalizar o conteúdo ministrado pelos professores e pelas professoras em sala de aula, impondo uma ideologia neoconservadora na educação. A apresentação do PL nº193, em um momento conturbado e de reavaliação da política de educação brasileira, demonstra pensamentos e ações opostas entre uma significativa parcela do poder legislativo e os e as estudantes em movimento.

A experiência de ocupar, simbolicamente significa tomar para si a escola. Assim, identificamos que as ocupações estudantis modificaram a maneira de sentir, de valorar e vivenciar a escolarização, individualmente e socialmente. Desse modo, entendemos que essa experiência atuou na modificação da consciência social das e dos estudantes, pois transformou a subjetivação das experiências individuais e coletivas desses atores sociais. Assim, refletimos que pesquisar o movimento secundarista de ocupações possibilita acessar congruências e contradições presentes nas relações escolares reproduzidas no processo de escolarização.

Arcabouço Teórico-metodológico

A presente pesquisa acerca das ocupações em Caxias do Sul teve como abordagem teórica-metodológica o materialismo histórico dialético. Nesse sentido, consideramos os estudos do historiador Edward Palmer Thompson (1981) para análise das fontes no que se refere à experiência cotidiana das ocupações, visualizando-a como experiência modificada de escolarização. Com base nisso, propomos refletir sobre a dialética das relações escolares, para compreender as transformações na consciência social das e dos estudantes que participaram do movimento. Nesse sentido, concordamos com Thompson (2001), que pontua que estudar uma experiência que de alguma maneira rompe com determinada reprodução é potente em revelar costumes, práticas e valores. Ou seja, ao estudarmos uma experiência escolar incomum, podemos inquirir acerca das contradições reproduzidas em seu cotidiano.

A elaboração de Thompson (1981) acerca do termo experiência é apresentada na discussão em relação ao pensamento filosófico determinista, representado principalmente por Althusser, que entende que os indivíduos sejam produzidos e limitados à ideologia dominante. Ao afirmar que “[...] o que Althusser negligencia é o *diálogo* entre o ser social e a consciência social”, pois “[...] assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido” (1981, p. 17), Thompson propõe uma certa autonomia do ser social em relação às estruturas de estado, ainda que estes sejam afetados pelas colorações das ideologias. Para Thompson (1981), a consciência social é produzida a partir da problematização da experiência, que é a vivência da cultura, das relações econômicas, das tradições, dos costumes e das relações de produção.

A pesquisa acadêmica sob o ponto de vista do materialismo histórico dialético pressupõe um equilíbrio entre a problematização das fontes e a apropriação dos supostos teóricos. Nesse encontro, produz-se uma pesquisa de análise crítica, dado que essa abordagem media os processos de reconhecimento, aprendizagem, reflexão e desenvolvimento narrativo, atentando para o caráter histórico das temáticas investigadas. Segundo Frigotto (1997, p. 86): “a busca consciente de uma postura materialista histórica na construção do conhecimento não se limita à apreensão histórica de um conjunto de categorias e conceitos. [...] É preciso superar a abstratividade inicial dando-lhe concretude”.

Em concordância com Marx e Engels (2007), Thompson (1981) reflete que a consciência social é resultado do movimento dialético entre a materialidade das experiências vivenciadas pela e pelo ser social e o pensamento sobre

essas experiências. Nesse sentido, a materialidade da vida implica diretamente nos processos mentais das e dos sujeitos. Nessa perspectiva, a experiência pode ser interpretada como a vivência material do conhecimento historicamente construído e compartilhado. Esse conhecimento, pode ser fruto de uma elaboração reflexivamente ou não, “[...] a experiência é válida e efetiva, mas dentro de determinados limites: o agricultor ‘conhece’ suas estações, o marinheiro ‘conhece’ seus mares, mas ambos permanecem mistificados em relação à monarquia e à cosmologia”. (THOMPSON, 1981, p. 16). Com isso, o autor reflete que a experiência é balizada pela cultura, costumes, valores e pelas relações de produção.

Ainda, à respeito da experiência, cabe a discussão da conjuntura que possibilitou a ação estudantil de ocupações, pois como afirma Thompson “[...] somente em circunstâncias excepcionais as pessoas realmente vão além de sua experiência local, de seus valores vividos e apresentam um desafio mais amplo” (2001, p. 261). Consoante a isso, Carmo (2007, p. 20) interpreta que “segundo Thompson, em *Miséria da Teoria* (1981) não existe um real exterior separado de um pensamento interior, ambos se concretizam nos agentes”.

O movimento estudantil de ocupações aponta para o encontro entre a experiência em termos culturais, de valores, relações econômicas, ideias e institucionalidade, que possibilitou a transformação da consciência social das e dos sujeitos envolvidos. A escolarização é permeada por tensões conscientes e inconscientes, visto que objetiva a formação crítica das e dos sujeitos, trabalhando o seu pensamento, ao mesmo tempo em que, reproduz a ordem social em um sentido disciplinar. Nesse contexto, consideramos que as ocupações das escolas públicas são resultado das contradições presentes nas experiências cotidianas de escolarização. Ao modificarem a experiência de escolarização as e os estudantes propõe um novo formato de aprendizagem construído por meio da socialização política dos grupos.

Diante do que expomos até aqui, analisamos as fontes da pesquisa, compostas principalmente por publicações virtuais produzidas pelas e pelos estudantes ocupas de Caxias do Sul. Entendemos que esse material tem potencial para compreensão da experiência de ocupação, pois apresenta de maneira multidiscursiva o dia a dia das escolas que expressam recorrências e particularidades do movimento, sob a ótica das e dos atores envolvidos. Identificamos que o uso dos meios digitais também diz respeito às culturas juvenis e escolares que conflitam e se harmonizam na medida em que são representadas e questionadas nas redes.

As Ocupações em Caxias Do Sul

A cidade de Caxias do Sul se destaca no Rio Grande do Sul por ter o segundo maior número de habitantes do estado e pelo seu expressivo desenvolvimento econômico ligado ao comércio e à indústria. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2014). Assim como na adesão às Jornadas de Junho de 2013, as ocupações das escolas públicas demonstram a sintonia da cidade com a difusão dos movimentos em rede, pois compartilha as problemáticas atuais dos centros urbanos. Desse modo, a pesquisa das escolas em Caxias do Sul é relevante por possibilitar o estudo das questões particulares e específicas das ocupações no município, mas sobretudo, por oportunizar a identificação de características que compõe o movimento como um todo.

Desse modo, a presente pesquisa acerca das ocupações em Caxias do Sul tem como objetivo: identificar as motivações e características das ocupações, analisando as modificações na consciência social das e dos ocupas. Para isso, propomos a análise qualitativa das fontes de pesquisa, composta por materiais produzidos e divulgados pelas e pelos estudantes nas redes sociais virtuais e outras plataformas digitais (textos, fotografias e vídeos), reportagens veiculadas pelo site da Seduc-RS (Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul) e visita de campo registradas em um diário de pesquisa. Além disso, após as desocupações, realizamos quatro entrevistas semiestruturadas com um ou uma estudante de cada escola.

Os materiais publicados nas páginas das redes sociais virtuais são diversos em forma e conteúdo e apresentam um trânsito acelerado entre a ocorrência das ações e a divulgação das mesmas. Essa característica expressa a desenvoltura das e dos estudantes com os instrumentos digitais. A possibilidade de discutir e divulgar as ideias, reivindicações e ações, concomitantemente, com o ato de ocupar, gerou um amplo material de registros do movimento, com acesso facilitado, mas fugaz. Assim, desenvolvemos a pesquisa no contato direto e diário com as ocupações, seja no seu espaço físico ou virtual.

A adesão das e dos estudantes de Caxias do Sul ao movimento de ocupações ocorreu quando a prática já havia chegado ao estado, em sua fase de expansão nacional em 2016. Em entrevista realizada com uma das estudantes que participou do movimento, fica claro que havia um conhecimento do contexto de ocupação anterior, que inspirou a tomada da escola, embora esse contato não tenha sido direto, mas sim, pelo acompanhamento das notícias nos meio de comunicação tradicionais e nas redes sociais virtuais. Também, transparece a esperança na nova tática de reivindicação, revelando o caráter de aprendizagem coletiva através das redes de conexão contemporâneas.

Foi mais ou menos quando a gente viu que estava surgindo aqui as ocupações. Eu acho que na época quem já tinha ocupado aqui (na cidade), era uma questão de dias a diferença. O pessoal lá na escola, já estava por dentro das ocupações do Rio Grande do Sul, já estava achando bem bacana o tipo da luta, é uma coisa diferente. Tu falava em ocupação, porque antes o que a gente mais via de mobilização contra qualquer medida, assim, do Estado, era protesto, protesto, protesto e, tipo, mudanças através de protesto, mínima, sabe. (Estudante entrevistada, dezessete anos, fevereiro de 2017).

Na análise das entrevistas percebemos que a divulgação das ocupações foi essencial para a sua expansão e desenvolvimento, o que as caracteriza como movimento em rede, pois mesmo não estando diretamente interligadas, as e os estudantes relatam que ao ver o êxito e as dificuldades de outras escolas se sentiram encorajados a se juntar à luta. Nesse sentido, relata a estudante de outra escola ocupada na cidade:

Na verdade, tudo começou nas ocupações que estavam ocorrendo pelo Brasil. Nós tínhamos ficado sabendo que (outra escola) queria ocupar; já tinha uma ocupação parcial ali. E um amigo meu me perguntou como é que estava funcionando e tudo mais, porque eu era a presidente do grêmio estudantil da escola. Eu expliquei pra ele e ele pediu: "por que a gente não ocupa?" Eu falei pra ele que existiam motivos. Ele falou que motivos, pra nós, não faltavam. [...] A gente sabe que tem escola que tá quase caindo, digamos assim. A gente tinha problemas internos, que eram fáceis de resolver, mas que estavam sendo difíceis para nós. E o problema ali, Caxias do Sul, que estava se acumulando e ninguém estava fazendo nada. (Estudante entrevistada, 18 anos, set. 2017).

A comunicação via internet tem um maior espaço para a autonomia do que os veículos de comunicação tradicionais, pois é aberta para múltiplos discursos e está menos suscetível aos controles institucionais e do Estado. Essa característica, acaba privilegiando a difusão das expressões juvenis. Desse modo, como vimos nas entrevistas, as e os estudantes utilizaram as redes sociais virtuais tanto para conhecer melhor o movimento quanto para estabelecer comunicação interna e externa durante as ocupações.

Em Caxias do Sul, apenas as e os estudantes de uma escola tiveram contato físico com outras ocupações antes da assembleia inicial: "o primeiro contato de ocupação que a gente teve foi já em Porto Alegre. Inclusive nós fomos lá visitar, também dar um apoio pra eles. Pra também ter essa troca de conhecimento de experiência". (Estudante entrevistado, 18 anos, set. 2017). Esse contato foi viabilizado, em função de alguns estudantes dessa escola fazerem parte, anteriormente a ocupação, de um coletivo político. As demais escolas construíram o seu conhecimento a respeito das ocupações pesquisando o movimento nas redes sociais virtuais.

As ocupações em Caxias do Sul compartilham com os movimentos em rede a característica de organização por autogestão, na qual cada indivíduo é responsável por determinada demanda, sem a necessidade de centralizar a distribuição e controle das tarefas. Ao mesmo tempo, todas as decisões nas ocupações eram submetidas ao controle do coletivo, configurando uma horizontalidade organizacional. Nas escolas estudadas foram realizadas distribuições das tarefas por comitês, que propõe um revezamento dos afazeres cotidianos, sem levar em conta o sexo das e dos ocupas. As quatro ocupações organizaram grupos responsáveis pela comunicação, portaria, limpeza, atividades recreativas, alojamentos e refeições. Por meio desses comitês, as e os estudantes problematizaram as relações de gênero comumente repartidas em tarefas supostamente de homens ou de mulheres em nossa realidade social, todas e todos os ocupas passaram pelos comitês em igualdade.

Consoante a isso, a pesquisa de Corsino e Zan (2017) e o documentário *Lute como uma menina!* (2016) destacam a modificação do papel feminino por meio da ação das meninas envolvidas nas ocupações. Pela participação ativa, as estudantes estipularam novas relações que, sob o ponto de vista da experiência, propõe e estimulam novos laços sociais em suas vivências para além das ocupações. Piolli, Pereira e Mesko (2016, p. 24) identificam que as atividades de formação também atuaram nesse sentido:

A pauta estudantil foi sendo ampliada no processo com denúncias referentes à falta de relações democráticas na escola, à precariedade das escolas, à falta de professores e com as aulas livres e os debates nas escolas ocupadas inseriu temas como: relações de gênero, racismo e homofobia, entre outros. O movimento fez emergir questões e temas não abarcados pelo modelo gerencial proposto pela secretaria. O modo de organização das ocupações estudantis pode ser pensado como uma alternativa às concepções gerenciais que hoje estão sendo implantadas pelo setor empresarial.

Com isso, também apreendemos que a relação de ensino e aprendizagem foi reconfigurada no espaço das ocupações. As e os estudantes romperam com os papéis tradicionais dos agentes educacionais, transformando a troca de informações e formação em uma socialização política dos saberes. A aprendizagem política proporcionada pela vivência democrática do espaço escolar, projetou uma pedagogia própria das ocupações, que perpassa o pensamento crítico reflexivo conjuntamente com a criação de espaços que encorajaram e efetivaram a participação estudantil.

Nas quatro entrevistas realizadas, a aprendizagem está no centro do discurso acerca da transformação da consciência social das e dos estudantes: "a gente começou a ver que os problemas da nossa escola pública, eram de todas as escolas públicas" (Estudante entrevistada, 18 anos, set. 2017). A esperança compartilhada; a criação de redes de solidariedade; os espaços deliberativos coletivos; os conteúdos intensivos nas oficinas; a ocupação de espaços políticos restritos no contato com a coordenadoria de educação, secretário de educação, Procuradoria Geral do Estado e representantes do programa municipal Caxias da Paz, entre outros, fez com que estes grupos experimentassem situações extraordinárias em relação a sua vivência escolar cotidiana. Por este motivo, uma das estudantes afirma que: "eu aprendi mais em um mês de ocupação, de que todo tempo na escola" (Estudante entrevistada, 18 anos, set. 2017).

Outro espaço de aprendizagem e transformação criado nas ocupações foram as assembleias. A assembleia inicial em cada escola foi representativa para o movimento como um todo, visto que por excelência foi considerada o primeiro passo para ocupação. Duas das escolas de Caxias do Sul, utilizaram como foto de perfil da página de Facebook da ocupação a imagem dessa primeira assembleia. Interpretamos que o uso destas imagens demonstram uma valorização do espaço coletivo da tomada de decisões, caráter pretendido pelas ocupações, e aponta pra a mudança de protagonismo diretivo nas escolas. Além disso, estas fotografias buscam legitimar as ocupações reforçando o discurso de que o movimento provém de uma decisão coletiva.

Nesse sentido, a assembleia inicial, bem como os demais momentos de decisão coletiva, sinalizam uma reprodução e reelaboração do modelo democrático experienciado. As fotografias das assembleias evocam a eleição da ação de ocupar a escola pela maioria das e dos estudantes, partindo do consenso na pauta acerca do direito à educação e uma educação de qualidade, ainda que atentemos para a polissemia do discurso. Nesse sentido um dos estudantes entrevistado afirma quando questionado se houve oposição de outros estudantes à ocupação: "Não houve resistência de nenhum, até porque eles votaram para ocupar" (Estudante entrevistado, 18 anos, set. 2017)

Ainda sobre a utilização das fotografias no perfil das páginas de Facebook das ocupações, é notório que a representação da ocupação esteve vinculada a locais que as e os estudantes em tempos regulares têm maior autonomia, como o pátio da escola. Nenhuma das fotos de capa ou perfil tem como cenário a sala de aula, sala de direção ou auditório. Embora todos esses espaços escolares tenham sido ressignificados durante as ocupações. Assim, as salas de

aula se transformam em dormitórios, espaços de formação e reunião. Mas, pelas fotografias analisadas, o pátio escolar continuou sendo o espaço privilegiado para a atuação estudantil coletiva.

O acompanhamento dessa experiência [...] nos leva a supor que a ocupação repercute psicologicamente nesses jovens como um processo de apropriação criativa do espaço escolar. As falas acima nos fazem pensar no trabalho de reelaboração de ideais sociais na adolescência, a começar pelo ideal de escola que recriam e compartilham através desse movimento, trabalho esse que não se dá sem a existência de laços de identificação horizontais (FREUD, 1921/1976). (COUTINHO e ANDRADE, 2017, p. 53).

Com a mudança no protagonismo nas tomadas de decisão nas escolas ocupadas, as e os estudantes construíram novas vivências políticas no cotidiano escolar. As assembleias foram utilizadas diariamente pelas e pelos estudantes, tanto para a deliberação de questões complexas, como na desocupação das escolas, quanto para decidir a organização da rotina das ocupações: “Toda manhã, às 7h:30min da manhã, a gente tinha uma assembleia. A gente tinha horário pra dormir, horário pra acordar, a gente acordava às 7h, tomava café, 7h:30min a gente se reunia em assembleia” (Estudante entrevistado, 18 anos, set. 2017).

Desse modo, identificamos que o espaço da assembleia é de grande importância para as ocupações, principalmente, por contrapor a limitada participação estudantil na rotina das escolas. Assim, refletimos que o consenso criado nas assembleias é valorizado como fator representativo da experiência de ocupar. Nesse sentido, em diversos momentos das entrevistas as e os estudantes falam sobre democracia de maneira afirmativa e como um conceito autoexplicativo, tratam a ocupação como uma *verdadeira* experiência democrática, por garantir a participação e não apenas a representação das e dos sujeitos.

Apesar das positivas aprendizagens do movimento, em maior ou menor grau, as entrevistas deixam claro que, o cotidiano da ocupação foi repleto de dificuldades, atritos, tensões e, até mesmo, agressões. Logo no início das ocupações, a violência psicológica contra as e os estudantes foi latente, principalmente, nas escolas que tiveram menor adesão dos estudantes na votação na assembleia inicial. Para além das condições físicas desfavoráveis, o maior obstáculo enfrentado pelas e pelos ocupas foi a consentida violência, pelo Estado e sociedade, contra o movimento, “teve agressão por parte dos professores, dos estudantes, da direção. A direção incentivando para que eles nos batessem, porque como eles eram maior de idade, eles não conseguiam” (Estudante entrevistada, 18 anos, set. 2017). Aparece com destaque nas entrevistas o sentimento de medo, criado por ataques psicológicos e físicos.

Nesse sentido, embora a comunicação virtual tenha sido essencial para o desenvolvimento das ocupações, este espaço também tornou as e os estudantes mais suscetíveis a ataques contrários ao movimento. Segundo Ruiz, Segura e Quesada (2009, p. 8), pelo fato das discussões acerca dos marcos éticos e legais sobre o uso dos meios virtuais não acompanharem o intenso fluxo de informações que transitam na internet, esse espaço, muitas vezes, se configura como um meio de manifestação da violência. A questão do anonimato, da instantaneidade e do distanciamento geográfico tornam a violência virtual uma prática comum e aceitável, assim: “La libertad de expresión es uno de los derechos más importantes de los seres humanos, pero también, uno de los más abusados en lo que respecta al Internet”. (RUIZ; SEGURA; QUESADA, 2009, p.15-16). Identificamos que nesse embate virtual, houve a desconsideração da condição emocional das e dos ocupas, que foram xingados e ameaçados recorrentemente.

Mesmo diante da série de adversidades que poderiam desestimular as e os estudantes, as ocupações em Caxias do Sul resistiram até que fossem atingidas grande parte das pautas reivindicadas. A solidariedade característica do movimento, conjuntamente, com o sentimento de responsabilidade coletiva, desenvolvidos na autogestão das ocupações, fez com que os laços sociais se fortalecessem e o desejo comum de mudança tivesse um peso maior nas ponderações sobre a continuidade do movimento. (COUTINHO; ANDRADE, 2017).

Andaram me perguntando direto se vamos desocupar, se estou cansada, se quero desistir, creio que para todos nós aqui da ocupação já fizemos essas perguntas. Estamos cansados, não vamos mentir, mas não vamos desistir jamais, educação de qualidade e condições de ensino são direitos nossos e nós vamos requerer. Muitas coisas aconteceram e ainda acontecem para nós por baixo e nos fazer pensar em desistir e é por isso que estou fazendo esse post e pela página do Grêmio. Esse post é uma homenagem a todos que estão aqui dando a cara a tapa (literalmente, em alguns casos), ajudando em tudo o que é preciso e apoiando da forma que pode [...]. Não desistam de nós, não desistam de lutar, “nós é trem e não se abandona um trem em movimento”. (Postagem na página de Facebook de uma das escolas ocupadas).

A luta pela educação demonstra que, ao contrário dos discursos catastróficos acerca da falência da escola pública, ela ainda é o principal espaço da ação educativa, na qual é evidente a dialética entre reprodução e reconfiguração do sistema social. Ao mesmo tempo, a escolarização é problematizada e abalada pelas e pelos adolescentes que questionam sua configuração e significação. Assim, reflete Enguita (2016), que apesar das profundas mudanças sociais, a escola continua sendo, desde sua invenção na Modernidade, um espaço necessário para o ensino e a aprendizagem, mesmo que seus fins sejam muitos e cambiantes:

Seguiremos aprendiendo, educando y, sin duda, escolarizando, pero es inevitable preguntarse hasta qué punto una institución tan vieja y nueva a la vez, según adoptemos una perspectiva generacional o histórica, se puede ver afectada por los amplios y profundos cambios sociales que vivimos, para lo cual resulta imprescindible diferenciar el contexto del que la escuela viene de aquel al que va, es decir, situarla históricamente. (ENGUITA, p. 14, 2016).

A experiência de ocupação diz respeito às contradições das relações escolares, isso significa dizer que o movimento estudantil de ocupações problematiza a escolarização em sua dimensão socializadora e política. O movimento nasceu da vivência material e subjetiva da política de escolarização, sendo, ao mesmo tempo, reprodução e modificação. Ao apontar para a qualidade da educação as e os estudantes põem em discussão sua vivência de escolarização sob um ponto vista complexo e passam a entender a Política de Educação enquanto sistema que vai além da escola ocupada.

Ao modificarem a experiência de escolarização, durante as ocupações, as e os estudantes também alteraram o seu papel na escola multiplicando o modo de sentir o mundo escolar. A rotina das ocupações em Caxias do Sul revela que o movimento foi uma experiência democrática, com complexas construções de vontade coletiva, contudo também pode ser considerada intransigente por impor um novo cotidiano nas escolas. Esse aspecto contraditório aparece na autonomia das e dos estudantes durante o período de ocupação que, embora tivessem o poder deliberativo sobre os rumos e

configurações do movimento, ainda dependiam da comunidade para o suporte material das ocupações.

Considerações Finais

Assim como em outros movimentos sociais, a experiência das e dos estudantes foi a de viver um cotidiano diferente por meio das condições materiais da ocupação. E é esse cenário, que transpõe a barreira institucional, mas, ao mesmo tempo, é permeado pelas relações sociais que a atravessam, que envolve a análise da experiência das e dos ocupas. Nesse sentido, entendemos que as e os estudantes experienciaram as peculiaridades das ocupações, com transformações nas relações de poder, mas não deixaram de vivenciar contradições de sua condição social, decorrentes das relações de classe, gênero, raça, cultura e política.

Na contramão da individualização neoliberal, as ocupações criaram redes de solidariedade entre as escolas e abriram espaço para o diálogo e problematização, expandido à comunidade pelo caráter comunicativo do movimento. Assim, as ocupações são perpassadas pela trajetória de lutas para a superação da desigualdade social, ainda latente em nosso país. Pelo seu sentido dialético, as ocupações renovaram e redefiniram nas e nos sujeitos envolvidos a esperança democrática, demonstrando no ensaio de novas vivências, que é possível a construção de uma experiência escolar e social mais participativa e horizontal.

A experiência das ocupações propõe vivências alegóricas ao ideal de escolarização pretendido pelas e pelos estudantes. As fotografias, o cronograma, os relatos das atividades, reproduzem e modificam a experiência de escolarização, demonstrando valorização na socialização promovida pela escola, mas questionando a sua forma. O movimento estudantil de ocupações tornou evidente as tensões escolares, demonstrando que a escola não é apenas uma instituição ou um aparelho do Estado, mas uma experiência social complexa.

As ocupações em Caxias do Sul são caracterizadas pela reconfiguração do espaço escolar, o estabelecimento de relações horizontais, participação direta, autonomia e autogestão, e possibilitaram a discussão de questões sociais formativas como as segregações sociais pelo gênero e raça. Esse perfil indica que as ocupações, além de formarem núcleos de resistência, formaram núcleos de potente aprendizagem política compartilhada de maneira indireta na experiência de ocupar.

Em específico, em relação à educação, a aprendizagem política das ocupações repercutiu para as e os estudantes como uma maneira reflexiva de compreender a realidade e se sentir partícipe do processo educativo. A experiência de aprendizagem das ocupações demonstra que a não conformação com as situações contraditórias desencadeiam o questionamento, mas este processo apenas se completa se as e os sujeitos se sentem encorajados a levar suas indagações adiante. Desse modo, as ocupações nos mostram que de nada adianta desenvolver a consciência crítica reflexiva, se não forem democratizados os espaços participativos nas escolas.

Referências

BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei do Senado nº 193**. Inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o "Programa Escola sem Partido". Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3410752&disposition=inline>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTAÑEDA, Marcelo. Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reivindicação da política nas metrópoles. **Cadernos IHUideias**, São Leopoldo, ano 15, v. 15, n. 255, 2017.

CATRACA livre. **A ocupação das escolas em SP contada pelos próprios estudantes**. São Paulo 10 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.apoesp.org.br/noticias/manifestacoes-contra-a-bagunca-da-s-e-a-ocupacao-das-escolas-em-sp-contada-pelos-proprios-estudantes/>>. Acesso em 10 ago. 2016.

CECHIN, Leonardo. Ocupação do Cristóvão termina vitoriosa e com manifestações de direita. **Esquerda Diário**. Caxias do Sul, 26 jun. 2016. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=7265>. Acesso em: 14 ago. 2016.

CORSINO, Luciano Nascimento e ZAN, Dirce Djanira Pacheco e. A ocupação como processo de descolonização da escola: notas sobre uma pesquisa etnográfica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 26 - 48, jan./mar. 2017.

COUTINHO, Luciana Gageiro e ANDRADE, Claudia Braga de. O que as ocupações nos ensinam sobre a adolescência, o laço social e a educação?. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. esp., p. 48 - 63, jan./mar. 2017.

ENGUITA, Mariano F. **La educación em la encrucijada**. España: Fundación Santillana, 2016. ISBN: 978-84-141-0002-8.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KRANZ, Guilherme. Primeira escola ocupada do Rio Grande do Sul! Ocupa Massot! **Esquerda Diário**. Porto Alegre, 11 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Primeira-escola-ocupada-do-Rio-Grande-do-Sul-Ocupa-Massot>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

LUTE como uma menina! Direção e produção: Flávio Colombini e Beatriz Alonso. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 - 1846)**. Traduzido por Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Caviani Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

PIOLLI, Evaldo, PEREIRA, Luciano e MESKO, Andressa de S. R. A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista. **Crítica Educativa**, Sorocaba/SP, v. 2, n. 1, p. 21-35, jan/jun. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22476/revcted.v2i1.71>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Perfil Socioeconômico**. Caxias do Sul: Deltaprint, 2014. Disponível em: <https://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/desenv_economico/perfil_caxias.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

RUIZ, Patricia Trujano, SEGURA, Jessica Dorantes, QUESADA, Vania Tovilla. Violencia en Internet: nuevas víctimas, nuevos retos. **Liberabit**, Lima, v. 15, n.1, jan/jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272009000100002&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SCANDOLARA, Patricia Fabiola. Cartografias rizomáticas entre ciberativismo e grêmio estudantil. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas e da educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://179.97.105.11/handle/handle/1004>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. Folclore, antropologia e revoluções na Inglaterra. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). UBES divulga lista de escolas ocupadas e pautas das mobilizações. 2016. Disponível em: <<http://ubes.org.br/2016/ubes-divulga-lista-de-escolas-ocupadas-e-pautas-das-mobilizacoes/>>. Acesso em: 17 de fev. 2019.

[1] Série de protestos no Brasil em 2013, caracterizados por manifestações urbanas de organização espontânea, principalmente nas cidades de grande porte, com ampla participação e apoio popular, com atos diários no mês de junho.

[2] A Primavera Árabe foi o conjunto de revoltas ocorridas nos países árabes, entre 2011 e 2012, que tiveram como tática a ocupação de espaços públicos como forma de pressionar os Estados para as demandas de ordem democrática. Foram palco da Primavera Árabe os países: Egito, Tunísia, Iêmen, Bahrein, Líbia, Marrocos e Síria. (CASTELLS, 2013).

[3] O documentário é composto por entrevistas com meninas que participaram do movimento secundarista de ocupações em São Paulo, em 2015 e 2016.